

Exclusivo

ECONOMIA

Uma em cada cinco lojas de rua não voltará a abrir em Lisboa



Para muitos comerciantes, a falta de pessoas na Rua Augusta é comparável ao que aconteceu logo após o incêndio do Chiado. ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

A abertura das lojas com menos de 200 metros quadrados de área e porta para a rua está a criar grandes expectativas junto de comerciantes e consumidores. Associação do setor admite que cerca de 20% dos estabelecimentos já não reabrem esta segunda-feira. Moda e vestuário são as principais vítimas da crise

4 ABRIL 2021 17:03

**Helder C. Martins**

Com a chegada da Primavera, é altura de mudar o guarda-roupa e adequar o vestuário à nova estação. Devido ao estado de emergência só a partir desta segunda-feira é que a generalidade dos consumidores poderá ir presencialmente “ver como param as modas”.

Porém, a União de Associações do Comércio e Serviços (UACS) prevê que cerca de 20% das lojas de rua já não abrem, nem esta segunda-feira nem nunca mais, são outras vítimas da crise provocada pela pandemia. Os lojistas que reabrem, esperam poder a começar a faturar para cobrir as despesas.

“A expectativa dos lojistas é bastante grande, pois a verdadeira abertura do comércio só se dá esta segunda-feira”, diz Lourdes Fonseca, presidente da União de Associações do Comércio e Serviços (UACS). Para trás, ficam quinze dias de venda ao postigo que não serviram a todos os comerciantes.

“Os restaurantes e pastelarias não deixaram de trabalhar, só não podiam vender bebidas à porta. Ora, a generalidade do comércio foi muito penalizado, pois não vende líquidos. É difícil escolher e comprar sapatos, quando não se pode entrar na loja”, acrescenta a responsável da UACS, que reúne 13 associações e tem cerca de 3 mil associados.

“O novo confinamento penalizou muito o pequeno comércio, sobretudo o relacionado com a moda e vestuário, que tem que gerir ‘stocks’. Há coleções que não foram vendidas e agora têm que ser substituídas pelas da nova estação”, explica. Sem retorno, ficou o investimento feito pelos lojistas nos meses anteriores. Estima que a perda de faturação em todo o setor da moda, vestuário e calçado esteja “50% a 70% abaixo do volume de ‘negócio normal’ - leia-se em igual período de 2019. “O ano passado foi atípico e o primeiro confinamento (12 de março) ainda permitiu faturar nos primeiros três meses”.

APOIOS POUCO COMPENSATÓRIOS

Lourdes Fonseca adianta que os apoios aos comerciantes pouco compensaram as perdas existentes neste novo confinamento, o que leva a que muitos empresários não tenham conseguido ultrapassar a crise e que, por isso, não voltem a abrir portas. “Com os dados recolhidos junto das associações, a nossa previsão aponta para que 20% dos estabelecimentos não voltem a reabrir. Mas só a partir desta segunda-feira é que poderemos começar a ter a verdadeira perceção do número de encerramentos”, salienta a presidente da UACS.

Em Lisboa, zonas como a Baixa e o Chiado, muito dependentes do turismo e da mobilidade das pessoas são as mais afetadas. No final de novembro, só nas quatro principais ruas da baixa lisboeta tinham fechado 111 lojas. Lourdes Fonseca considera que a situação de crise é diferente nas zonas mais residenciais como Campo de Ourique, Benfica ou Alvalade, por exemplo. “São zonas mais viradas para o comércio de proximidade e pouco dependentes do turismo e do vai-e-vem de trabalhadores”, acrescenta.

Apesar da adversidade agravada com o segundo confinamento, a presidente da UACS destaca que o setor é bastante resiliente. “Muitos empresários estavam a suportar as perdas com reservas pessoais, depois de esgotarem as das empresas”, explica, dando como exemplo a tenacidade de muitas microempresas que garantiram a sobrevivência de muitas sociedades de cariz familiar, quer como proprietários, quer como empregados.

A nível de auxílio neste segundo confinamento, Lourdes Fonseca considera que o principal “balão de oxigénio” foram os apoios obtidos pelos lojistas através do programa “Lisboa Protege”, da autarquia da capital. “Os apoios da CML chegaram mais cedo aos empresários e permitiram aguentar o atraso dos apoios do Governo central, que eram cumulativos”, explica a presidente da UACS, acrescentando que muitos deles vão assim conseguir abrir as portas amanhã.

<https://expresso.pt/economia/2021-04-04-Uma-em-cada-cinco-lojas-de-rua-nao-voltara-a-abrir-em-Lisboa-5f86d8ad>